



DIDÁTICA DA GEOGRAFIA PROGRESSIVA: SENTIDOS, RACIONALIDADE E LINGUAGEM

DIDACTICS OF THE PROGRESSIVE GEOGRAPHY: MEANINGS, RATIONALITY AND LANGUAGE

DIDÁCTICA DE LA GEOGRAFÍA PROGRESIVA: SIGNIFICADOS, RACIONALIDAD Y LENGUAJE

Rosalvo Nobre Carneiro

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, rosalvonobre@uern.br

Raimundo Lenilde de Araújo

Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil, raimundolenilde@ufpi.edu.br

Resumo: Fala-se em Didática na área de Geografia, ao menos, desde a primeira metade do século XX, ainda que, no tempo presente, não tenha se constituído como um campo temático sistematizado de estudo. Neste contexto, objetiva-se compreender os sentidos de Didática na Geografia Progressiva ou Moderna que se desenvolveu até 1970 aproximadamente. Especificamente, busca-se identificar se há a predominância do sentido instrumental de Didática e o lugar que ocupa, nela, a linguagem. Optou-se pela pesquisa bibliográfica, mediante a análise de artigos e manuais, publicados, entre 1950 e 1960, em bases de pesquisa e em periódicos. Este estudo está associado ao projeto de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí. Os achados indicam que nem sempre se verifica o sentido manifesto de Didática nos estudos e propostas didáticas em Geografia. Além disso, a concepção de Didática se relaciona à racionalidade e à ação instrumental. A linguagem, em sua função de entendimento, não é referida nos estudos analisados. Conclui-se que há confusões entre Didática e Metodologia, que os elementos da Didática da Geografia são variáveis e que a linguagem não ocupa centralidade nas Didáticas da Geografia produzidas no período.

Palavras-chave: ensino de Geografia, manuais de Didática, ação instrumental.



Abstract: Didactics has been discussed in the area of Geography, at least since the first half of the 20th century, although, at the present time, it has not been constituted as a systematic thematic field of study. In this context, the objective is to understand the meanings of Didactics in Progressive or Modern Geography that developed until 1970 approximately. Specifically, we seek to identify whether there is a predominance of the instrumental sense of Didactics and the place that language occupies in it. Bibliographic research was chosen, through the analysis of articles and manuals, published between 1950 and 1960, in research databases and in periodicals. This study is associated with the postdoctoral project at the Graduate Program in Geography at the Universidade Federal do Piauí. The findings indicate that the manifest meaning of Didactics is not always verified in studies and didactic proposals in Geography. Furthermore, the concept of Didactics is related to rationality and instrumental action. Language, in terms of understanding, is not referred to in the analyzed studies. It is concluded that there are confusions between Didactics and Methodology, that the elements of Didactics of Geography are variable and that language does not occupy centrality in Didactics of Geography produced in the period.

Keywords: Geography teaching, didactic manuals, instrumental action.

Resumén: La didáctica ha sido discutida en el área de la Geografía al menos desde la primera mitad del siglo XX, aunque, en la actualidad, no se ha constituido ella como un campo temático sistemático de estudio. En este contexto, el objetivo es comprender los significados de la Didáctica en la Geografía Progresista o Moderna que se desarrolló hasta 1970 aproximadamente. Específicamente, buscamos identificar si existe un predominio del sentido instrumental de la Didáctica y el lugar que ocupa el lenguaje en ella. Se optó por la investigación bibliográfica, a través del análisis de artículos y manuales, publicados entre 1950 y 1960, en bases de datos de investigación y en periódicos. Este estudio está asociado al proyecto de posdoctorado en el Programa de Posgrado en Geografía de la Universidade Federal do Piauí. Los hallazgos indican que el sentido manifiesto de la Didáctica no siempre se verifica en los estudios y propuestas didácticas en Geografía. Además, el concepto de Didáctica se relaciona con la racionalidad y la acción instrumental. El lenguaje, en su función de comprensión, no se menciona en los estudios analizados. Se concluye que existen confusiones entre Didáctica y Metodología, que los elementos de la Didáctica de la Geografía son variables y que el lenguaje no ocupa centralidad en la Didáctica de la Geografía producida en el período.

Palabras-clave: enseñanza de la Geografía, manuales didácticos, acción instrumental.

Introdução

Os estudos sobre a Didática na Geografia são relativamente recorrentes na história do pensamento geográfico educacional no Brasil. A Geografia Progressiva ou Moderna, desde a primeira metade do século XX, demonstra um interesse pela temática, notadamente entre 1950-1960, a julgar pela maior concentração de autores dedicados à questão. Um novo impulso do tema foi dado na década de 1980 com a Geografia crítica marxista, seguido pelo movimento, após 1990, com a Geografia humanista-cultural, mas de modo tímido e fragmentário. É, na década de 2000 em diante que se observa uma maior preocupação destas duas orientações teórico-metodológicas pelos temas que compõem o campo didático.

Esta timidez e fragmentação se revelam nos estudos de Pinheiro (2020a; 2020b), os quais demonstram que, em teses e dissertações defendidas entre 1967 e 2006, que foram agrupadas em 11 temas que predominaram no ensino de Geografia no Brasil, a Didática não é um deles. Assim, sobressaem-se as preocupações com a *prática docente e educativa* além de *conteúdo-método*. Esta constatação também se evidencia no estudo de Cavalcanti (2016), pois, com base em resumos de 430 teses e dissertações, entre 2000 e 2015, as temáticas da *metodologia de ensino e prática docente* predominaram.

Estas conclusões são um convite a se evidenciar em revista um momento fundador da educação geográfica no Brasil, no tocante à constituição da Didática, contribuindo, assim, para explicar por que o campo da Didática no Brasil não se consolidou. Neste âmbito, a Didática Geral se desenvolveu, no início do século XX, acompanhando os avanços sociais e da Filosofia, Sociologia, Psicologia, que contribuíram para reformulações importantes na Pedagogia. A década de 1980 foi um período de questionamento da Didática e de sua refundação (CANDAU, 2008). Pode-se dizer que a ênfase da problematização desta área se concentrou no sentido instrumental, técnico, que a subjaz desde a sua origem (CARNEIRO, 2022a).

Deste modo, a Didática, historicamente, aproxima-se do modelo da racionalidade instrumental. Na leitura de Habermas (2015), o pensamento racional instrumental relaciona-se com o êxito das ações de sujeitos individuais que atuam em contextos contingentes. Bettine (2017, p. 346-347) comenta nestes termos:

A razão instrumental foi concebida em termos de relação sujeito-objeto. A relação interpessoal entre sujeito e sujeito é determinada pelo modelo de intercâmbio, não tem nenhuma significância constitutiva para a razão instrumental. O pensamento amplia-se, ao converter-se a uma lógica do domínio sobre as coisas e sobre os homens.

Com a Geografia Moderna, já se observou o sentido instrumental da Didática, cujas origens remontam à Didática Magna de Comenius. Diante disso, um estudo de natureza sistemática se faz necessário, identificando sentidos e elencando os elementos de análise da Didática. Para tanto, é relevante contemplar em revisão a história do pensamento geográfico relativamente à abordagem da ciência do ensino como temática de discussão. Neste sentido, este texto prossegue e aprofunda o estudo anterior sobre Didáticas da Geografia a partir do século XX (CARNEIRO, 2022a).

A Geografia Progressiva é resultante do movimento dos pioneiros da Educação Nova, sendo o geógrafo Delgado de Carvalho um de seus precursores. A constatação de que a modernidade estaria ligada a novas metodologias, de Cabral (1958, p. 21), traduzindo o professor N. V. Scarfe, é exemplar do porquê a Geografia aqui analisada se denomina como moderna: “Os geógrafos atuais adotam plenamente modernas e sensatas ideias sobre métodos ativos, de investigação experimental, que envolvem trabalhos de campo e estudos aprofundados sobre a realidade da terra”. A ideia de modernidade, de movimento, de futuro, era recorrente e, frequentemente, avessa ao passado e às tradições, expressos no embate entre a antiga Geografia e a moderna Geografia.

Cabe situar esta última no contexto da Pedagogia nova, que, entre 1932 e 1969, subdividiu-se em um período de equilíbrio com a Pedagogia tradicional, até 1937, com predominância até 1961, quando, a partir daí, houve seu declínio com o avanço de outras pedagogias (SAVIANI, 2008). O que se chama aqui de Geografia Progressiva ou Moderna é a tendência pedagógica liberal renovada e progressivista ou pragmatista, consoante à classificação de Libâneo (2014). À vista disso, questiona-se se os sentidos de Didática na Geografia Progressiva ou Moderna, em diferentes autores e propostas, relacionam-se com a sua concepção original e clássica da Didática Geral, enquanto representativa da racionalidade e da ação instrumental.

De início, verifica-se uma lacuna no saber geográfico no que tange aos estudos da Didática no período analisado, pois poucos estudos e autores tratam diretamente disso e, menos ainda, de modo aprofundado e sistemático. Os manuais de Didática específica da Geografia são raros. Dentre os trabalhos que mais se aproximam do tema, e aos quais se teve acesso, destacam-se os de Santos (1960) e de Carvalho (1970). Neste último caso, faz-se uma introdução à metodologia dos estudos sociais escrita ainda em 1957, contemplando Geografia, História, Economia Política e Sociologia.

Neste contexto, objetiva-se compreender como a Didática foi concebida e descrita na Geografia Progressiva ou Moderna que se desenvolveu entre a primeira metade do século XX e a década de 1970. Especificamente, propõe-se a identificar se predominaram, nas discussões da época, sentidos instrumentais de Didática, quais elementos foram tidos como constitutivos do campo didático, além de situar a função predominante de uso da linguagem nestas propostas didáticas. Neste último caso, em contextos de sala de aula, esse uso linguístico pode concentrar-se na função expressiva subjetiva, na função representativa objetiva ou na função comunicativa intersubjetiva. Como explica Habermas (2002, p. 78),

[...] enunciados utilizados de modo comunicativo servem simultaneamente para expressão de intenções (ou experiências) de uma falante, para representar estados de coisas (ou algo que aparece no mundo) e para contrair relações com o destinatário.

Por conseguinte, trata-se de um olhar do presente para o passado, buscando compreender, em perspectiva histórica, a manutenção de um paradigma subjetivista na Didática da Geografia, com o propósito de mudança pela incorporação de uma Didática do Agir Comunicativo.

Neste âmbito, uma didática geográfica do agir comunicativo teria por meta o desenvolvimento de estratégias didáticas que incluiriam a consideração do contexto formativo no ensino e na aprendizagem, nas licenciaturas, e o contexto de ação docente em sala de aula, na escola, como fundamentalmente conflituosos, necessitados de consensos (CARNEIRO, 2022a, p. 471).

Neste estudo introdutório, a partir de pesquisa bibliográfica, selecionaram-se sete artigos valendo-se do descritor “Didática” presente em seus títulos. Com base neste critério, restaram apenas o *Boletim Geográfico* e o *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*. Além disso, analisaram-se dois manuais de Didática da Geografia: o de Theobaldo Miranda Santos, *Noções de Didática Especial: introdução ao estudo dos métodos e técnicas de ensino das matérias básicas dos cursos primário e secundário*, de 1960; e o de Delgado de Carvalho, *Introdução metodológica aos estudos sociais*, de 1970.

Delimitou-se, inicialmente, o período entre 1930 e 1960, todavia, somente foram encontrados materiais a partir de 1950. A análise de conteúdo seguiu a leitura integral, o que nos permitiu verificar, de modo mais aprofundado, os sentidos ou concepções de Didática dos autores, os elementos constituintes e o lugar da linguagem em suas propostas. Para delimitação destes elementos, seguiram-se aqueles apresentados nos manuais de Didática Geral analisados.

Inicialmente, abordam-se os sentidos e os elementos que compõem a Didática em alguns manuais de Didática Geral. Situada a discussão, em seguida, expõe-se como foi concebida a ciência do ensino e quais eram os seus elementos na Geografia Progressiva. Diante das concepções e elementos descritos, vislumbra-se o lugar da linguagem nestas propostas, buscando averiguar a presença de sua função informativa ou de entendimentos. Por fim, conclui-se demonstrando a presença de concepções técnico-instrumentais, que ainda hoje são predominantes.

Sentidos e elementos da Didática em Manuais de Didática Geral

Para Piletti (2004), o sentido de Didática relaciona-se ao estudo dos princípios, normas e técnicas de ensino. Por sua vez, de acordo com Libâneo (2013), ela estuda os objetivos, conteúdos, meios e condições do processo de ensino; investiga os fundamentos, condições e modos da instrução e do ensino; e, sendo uma teoria geral do ensino, tem o processo de ensino como objeto. Conforme Haydt (2011), a Didática se refere ao conteúdo do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento. Ela seria uma ciência e uma arte do ensino, sendo, deste modo, o estudo da situação instrucional, do processo de ensino e aprendizagem, e, deste modo, a Didática enfatiza a relação professor-aluno. Predomina, nestes manuais de Didática Geral, a ideia de base ou fundamento para o ensino em geral.

Distintamente de Piletti (2004), Haydt (2011) e Libâneo (2013), nos manuais citados, diferenciam instrução e ensino. Esclarecem-se os termos:

A instrução se refere ao processo e ao resultado da assimilação sólida de conhecimentos sistematizados e ao desenvolvimento de capacidades cognitivas. O núcleo da instrução são os conteúdos das matérias. O *ensino* consiste no planejamento, organização, direção e avaliação da atividade didática, concretizando as tarefas da instrução; o ensino inclui tanto o trabalho do professor (magistério) como a direção da atividade de estudo dos alunos (LIBÂNEO, 2013, p. 53, grifo do autor).

Esta não diferenciação entre ensinar e instruir, presente num manual mais clássico como o de Piletti (2004), que data da década de 1980, possibilita compreender a afirmação de Cabral (1958), para quem a função do professor é educar, e não instruir. Assim, formar cidadãos, preparar os educandos para a sua comunidade, integrando-os, ajustando-os e adaptando-os ao meio, deve ser a meta do ensino de Geografia. Nesta leitura, o saber geográfico não é um fim em si mesmo, mas um meio para se atingir o objetivo educacional.

Os sentidos subjacentes de Didática possibilitam a identificação dos elementos da Didática Geral. De posse destes, pode-se, mais adiante, situá-los no campo da educação

geográfica. Assim, para Piletti (2004), os elementos da Didática são o planejamento, objetivos, seleção e organização dos conteúdos, métodos, recursos de ensino, avaliação, motivação e organização e direção da classe. Por sua vez, de acordo com Libâneo (2014), são os objetivos, ensino, conteúdos, métodos e formas de organização do ensino e aprendizagem. Nesse último autor, todavia, a avaliação é abordada em um capítulo. Em Haydt (2011), constam a interação professor-aluno, o planejamento da ação didática, objetivos, seleção e organização de conteúdos, escolha dos procedimentos de ensino e organização das experiências de aprendizagem, escolha e utilização de recursos audiovisuais, avaliação do processo de ensino e da aprendizagem.

Chama a atenção, na leitura das duas últimas propostas, a consideração da aprendizagem como um elemento importante e, no caso de Haydt (2011), especialmente a relação professor-aluno, coerente com a sua compreensão didática.

À vista destes apontamentos, com base em alguns manuais, sobre o modo como se compreende a Didática e sobre quais são os seus elementos constitutivos, analisa-se, a seguir, como estes mesmos temas foram tratados no contexto do desenvolvimento da Geografia Progressiva.

Sentidos e elementos de Didática na Geografia Progressiva ou Moderna

Foram identificadas, nos textos, as definições apresentadas e, quando não existentes, buscou-se verificar as filiações discursivas dos autores, de modo a compreender, por aproximação, o que entendiam como Didática. Os sentidos de Didática em Geografia Progressiva podem ser visualizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Sentidos de Didática em autores da Geografia Progressiva ou Moderna no Brasil, entre 1950 e 1960

Autores	Sentidos
Delgado de Carvalho (1955)	Não há um sentido manifesto, mas uma associação entre Didática e método ou metodologia de ensino, que se faz presente na descrição sobre Comenius, Lock, Rousseau, Herbart e Dewey.
Eugênia D. Vieira Prado (1956)	Não foi apresentado.
Eddy Flores Cabral (1958)	Não foi apresentado.
Eloísa de Carvalho (1960)	Não foi apresentado.
Theobaldo Miranda Santos (1960)	Não foi apresentado.
Arthur Bernardo Weiss (1961)	Não foi apresentado.
Maurício Silva Santos (1962)	Didática Geral é ciência e é técnica. Objetiva e funcional, é uma aplicação direta de normas pedagógicas apoiadas nas Ciências da Educação. Didática especial é uma técnica, sistemática, e situa-se entre a matéria e os objetivos da escola secundária.

Fonte: organizado pelos autores.

Assim, não se resume o sentido à mera definição, mas à sua compreensão no contexto mais amplo da discussão conceitual e filosófica da educação. De súbito, chama a atenção que apenas um autor dedicou tempo e espaço para a definição de Didática. Outro a concebe, por associação teórica, como uma metodologia de ensino. De fato, na maioria dos textos, notou-se a não preocupação com a conceituação, tomando, assim, a Didática como algo já sabido por todos. A afirmação de Santos (1962) é elucidativa desta realidade:

Didática é algo assim subestimado por muitos e visto como coisa supérflua por outros. Há quem diga que “Didática é bom senso”, facilmente praticada por uma pessoa equilibrada, ou adquirida, espontaneamente¹ após alguns anos de magistério. Outros a entendem como uma relação de “fórmulas salvadoras”, capazes de fornecer aos professores² uma série de “truques” que aumentem sua eficiência. Finalmente, há o terceiro grupo, o dos descrentes, que, tendo experimentado (mal) os seus ensinamentos, não foram bem-sucedidos e passaram então a desprezá-la, ou então o que é pior, a combatê-la (SANTOS, 1962, p. 14, grifos do autor).

Carvalho (1955), ainda que descreva o surgimento da Didática, desde Comenius até Dewey, não faz menção a definições, mas esta área é concebida pelo autor como metodologia de ensino. De todo modo, depreende-se desta leitura a associação direta do método em educação a uma série de atividades que visam produzir nos educandos resultados que podem ser quantificados, em um claro diálogo com o que chamamos de “didática do agir instrumental” (CARNEIRO, 2022a). Desta asserção, concebe-se que a didática é algo como uma metodologia de ensino e, contemporaneamente, segundo Zaslavsky (2017), ainda é confundida com método.

A obra de Santos (1960) constitui claramente um manual de Didática que dedica um capítulo à Geografia. Iniciando-se com uma discussão sobre a noção de Geografia, seus métodos e valores contêm, além desta, uma seção dedicada à Geografia na escola primária e à Geografia na escola secundária, obedecendo sempre à organização da exposição dos objetivos do ensino, métodos e técnicas, motivação, material e trabalhos práticos. Entretanto, o sentido de Didática não foi explanado, mas depreendido do processo de ensino descrito na sequência que se inicia com os objetivos e finda, na prática do aluno, como um processo unilateral.

Faz-se necessário aprofundar o sentido da Didática no campo da formação docente, a fim de evitar que ensino e Didática se confundam e tornem-se a mesma coisa. O texto de Cabral (1958) intitula-se *O ensino da Geografia*, mas não apresenta, na abordagem da *Didática da Geografia*, o sentido de Didática. Em determinado momento, observa-se uma

¹ Conforme grafia original.

² Conforme grafia original.

afirmação inquietante ao tratar da Geografia tradicional: “O método de ensino tem sido demasiado formal, passivo e didático, apelando só para a memória e não para a compreensão ou a imaginação infantil” (CABRAL, 1958, p. 21). O didático assume, neste caso, uma conotação negativa: aquilo que é simples ou fácil.

Por outro lado, encontra-se, em Santos (1962), uma compreensão de Didática Geral e Didática Específica. Aquela é ciência e é técnica, e, sendo algo objetivo e funcional, trata-se de uma aplicação direta de normas pedagógicas apoiadas nas Ciências da Educação. Já esta é uma técnica, sistemática, e situa-se entre a matéria e os objetivos da escola secundária.

Diante dos sentidos manifestos, descritos e definidos, buscou-se enumerar os elementos que cada autor considera como integrantes da Didática da Geografia (Quadro 2). Em alguns casos, estes são apresentados diretamente ou aparecem em seções do texto passíveis de fácil identificação; em outros, não são apresentados, mas subentendidos pela leitura.

Quadro 2 – Elementos da didática em autores da Geografia Progressiva ou Moderna, entre 1950 e 1960

Autores	Elementos da Didática
Delgado de Carvalho (1955)	Não são apresentados, mas estão contidos na discussão: objetivos, plano, métodos, aprendizagem, avaliação.
Eugênia D. Vieira Prado (1956)	Objetivos, planejamento de curso, matéria, atividades docentes e atividades discentes, material.
Eddy Flores Cabral (1958)	Não apresentou argumentos em torno dos elementos, mas estes se encontram no texto, especialmente planejamento (menor ênfase), objetivos, metodologia, materiais.
Eloísa de Carvalho (1960)	São apresentados nesta ordem: objetivos, material didático, técnicas do ensino (plano de curso, plano de aula). Outros elementos são inferidos no interior da discussão: matéria, motivação, procedimento didático/método, atividades discentes, aprendizagem e verificação.
Theobaldo Miranda Santos (1960)	Não foram apresentados, mas depreendidos da exposição das seções, nesta ordem: objetivos, métodos e técnicas, motivação, material, trabalhos práticos.
Arthur Bernardo Weiss (1961)	Planejamento, objetivos, métodos. Menciona, mas não apresenta a motivação, aprendizagem e material didático.
Maurício Silva Santos (1962)	Planejamento, objetivos, métodos e materiais.

Fonte: organizado pelos autores.

De modo geral, em todos os autores analisados, o planejamento, objetivos, métodos e materiais são referidos por eles. Mesmo neste caso, observam-se diferenciações, por exemplo: a ênfase de Santos (1962) em planejamento, que é menor em Cabral (1958) e é desconsiderado no estudo de Santos (1960).

Destaca-se, também, o tema da motivação e da aprendizagem. Evidencia-se, neste contexto, uma presença maior do primeiro tema na discussão de Santos (1960) e Weiss

(1961). O segundo tema foi objeto, sobretudo, deste último geógrafo. A ênfase na atividade do aluno, própria da escola nova, da filiação teórica com o pensamento de Piaget e Dewey, pode explicar por que a motivação e a aprendizagem passam a contar como importantes na didática do período.

Na Geografia Progressiva ou Moderna, a proposta de alteração da centralidade do processo pedagógico do professor para os alunos não foi suficiente para modificar a ligação com o sentido clássico de Didática como ação instrumental, isto é, uma técnica ou uma metodologia. Ademais, esta situação pode ser explicada, também, pelo predomínio do uso da linguagem na mediação didática pela sua função de representação de estados de coisas no mundo.

O lugar da linguagem na Didática da Geografia Progressiva ou Moderna

Santos (1962) assume, em sua proposta didática, que o professor de Geografia deveria dedicar quatro aulas, no início do ano letivo, à organização, em conjunto com a classe, do plano de curso. Todavia, nessas condições, em que o professor poderia conceber uma prática comunicativa aberta, livre e orientada pela construção compartilhada mediante intercompreensão, tal prática revela-se como uma ação estratégica não manifesta, isto é, oculta. O agir estratégico expresso nas obras de Habermas se manifesta no objetivo conseguido da ação por meio do comportamento útil de alguém para o ator (GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012).

Com isto, o agir estratégico, aquele que induz o comportamento de outros, manifesta-se na relação do professor com a classe, como se depreende desta passagem: “A habilidade, a prática e os conhecimentos do professor por outro lado, o auxiliaram a *impor* o programa, dando ao aluno a impressão de que eles é que o estariam traçando.” (SANTOS, 1962, p. 67, grifo nosso). Esclarece-se, com Bettine (2021), que, no agir estratégico, a ação de fala tem por função enganar o outro, pois pretende ter eficácia tomando por referência a objetividade do mundo.

Logo, um falso consenso é obtido nesse tipo de diálogo, pois a *imposição de algo a alguém*, assim como dar a *impressão de algo a alguém*, fere os princípios do agir comunicativo, os quais são necessários para uma Didática que se baseia na intersubjetividade, na interação entre professor e alunos, e se orienta pela construção de entendimentos sobre os temas do mundo da vida escolar, de modo livre, isto é, sem coerção ou violência e, portanto, de forma inclusiva e democrática.

O uso informativo e representativo da fala também é valorizado nos estudos em análise, que decorre das qualidades docentes, segundo Cabral (1958), sintetizadas em fazer perguntas, suscitar o interesse e levar a criança a pensar e a ter conclusões sobre fatos. Em vista dessa prática pedagógica da pergunta e da resposta, a função comunicativa do entendimento performativo é deixada de lado, pois espera-se que os alunos sejam capazes de dizer das coisas em correspondência aos padrões responsivos requeridos pelo professor.

Ao modo da filosofia subjetiva, a relação do sujeito que aprende é direcionada para os objetos da aprendizagem, sejam os materiais ou os conteúdos. Logo, ainda que a aprendizagem seja pessoal, ela somente acontece na interação. A Didática do agir instrumental se concentra, porém, em demasia na consciência individual e na atividade do aluno solitário.

Como afirma Cabral (1958, p. 31), “É muito mais útil e eficiente um estudo de Geografia onde o aluno seja o agente principal da aprendizagem e não o professor”. Um giro para uma Didática do Agir Comunicativo, como exposta anteriormente, se concentraria em construções intersubjetivas da aprendizagem. Portanto, ao modo da filosofia da linguagem, a interação social se moveria entre sujeitos diante dos mesmos objetos do ensino.

A centralidade do trabalho pedagógico aludida antes seria a situação de ensino e aprendizagem, logo, nem o professor nem o aluno isoladamente, mas a própria intersubjetividade. Pode-se expressá-la, neste sentido, a partir de Habermas (2003, p. 43): “[...] no quadro de um processo de entendimento mútuo – virtual ou atual – não há nada que permita decidir, a priori, quem tem de aprender de quem”.

Considerações finais

O estudo objetivou compreender os sentidos de Didática no âmbito da chamada Geografia Moderna ou Progressiva. Buscaram-se, desta forma, as compreensões de significado em torno do que diversos autores, cujas obras foram publicadas entre 1950 e 1960, compreendiam por Didática. Este modelo de educação geográfica predominou entre o início do século XX até a década de 1970 e esteve atrelado à Pedagogia da Escola Nova.

Verificaram-se lacunas quanto aos sentidos de Didática em diversos estudos analisados. Ainda que essa categoria pedagógica, a Didática, apareça com frequência nos textos, a preocupação com a sua conceituação ficou em segundo plano. Comumente, foi abordada como algo sabido, por assim dizer, não necessitando de maiores explicações. De

modo geral, porém, predominou nos discursos a compreensão clássica de ciência, técnica ou arte de ensinar.

Conseqüentemente, dentre os elementos que integraram a Didática no período, conforme os dados indicam, destaca-se o planejamento, o ensino, o método e os materiais. Alguns autores, consoante aos seus pontos de vista, enfatizam ora um ou outro destes elementos. Por exemplo, a aprendizagem e a motivação aparecem na discussão, algumas vezes, como elementos da Didática, outras, como algo secundário. Porém, o fato de haver a inserção discursiva indica a valorização destas, em consonância com a filosofia educacional adotada pela Escola Nova, e da atividade dos alunos.

Conclui-se, por fim, que tanto os sentidos quanto os elementos da Didática da Geografia Progressiva ou Moderna revelam uma relação direta com o conceito de ação instrumental. Acresce a isso as confusões conceituais entre Didática e metodologia de ensino. Instrumental é uma ação referida ao sujeito tomado isoladamente, que visa atingir o seu próprio fim pré-determinado, valendo-se de meios adequados. Este é o modelo tradicional do qual procede a Didática instrumental diante da aprendizagem dos alunos.

A linguagem, em sua função comunicativa de entendimento entre o professor e os alunos, por outro lado, conforme se pôde constatar na amostra de casos analisados, foi preterida a sua utilização estratégica. Conseqüentemente, não se identificou o uso comunicativo de estabelecimento de relações interpessoais, pois predominou, nas abordagens das metodologias de ensino, o uso representativo dos fatos e o uso cognitivo de informações.

É imprescindível um esforço sistemático e reconstrutivo do campo da Didática na Geografia. Uma Didática do agir comunicativo para a Geografia, em construção, precisa, por isso mesmo, de uma visão histórica de seu próprio contexto de formação e evolução. Esperamos, com esta análise, ter contribuído para tanto, embora reconheçamos a necessidade de maiores aprofundamentos, inclusive com a inclusão de mais autores dos estudos progressivos ou modernos geográficos.

Referências

BETTINE, Marco. Um olhar sobre a construção do conceito de ação comunicativa na “Teoria da Ação Comunicativa”. *Sociologias [en linea]*, v. 19, n. 44, p. 334-359, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86851150020>. Acesso em: 17 maio 2022.

BETTINE, Marco. *A teoria do agir comunicativo Jürgen Habermas: bases conceituais*. São Paulo: Edições EACH, 2021.

CABRAL, Eddy Flores. O ensino da Geografia. *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 6-7, p. 21-41, 1958. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/view/3359/3875>. Acesso em: 17 maio 2022.

CANDAU, Vera Maria. Memória(s), diálogos e buscas: aprendendo e ensinando didática. *Educação Unisinos*, v. 12, n. 3, p. 174-181, set. /dez. 2008. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_memorias_dialogos_buscas.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Didáticas da geografia: de agir instrumental para agir comunicativo. *Caderno de Geografia*, São Paulo, v. 32, n. 69, p. 456-480, abr./jun., 2022a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/issue/view/1324>. Acesso em: 27 jul. 2022.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. *Educação geográfica do agir comunicativo: geografia escolar do mundo da vida*. Curitiba, PR: Appris, 2022b.

CARVALHO, Delgado de. Didática da Geografia. *Boletim geográfico*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 128, p. 522-525, set. 1955. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1955_v13_n128_set_out.pdf. Acesso em: 17 abr. 2022.

CARVALHO, Delgado de. *Introdução metodológica aos estudos sociais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir Editor, 1970.

CARVALHO, Eloisa de. Notas de didáticas da geografia. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 156, p. 545-460, mai./jun. 1960. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1960_v18_n156_maio_jun.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Para onde estão indo as investigações sobre ensino de geografia no Brasil? um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 36, n. 3, p. 399-419, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/44546>. Acesso em: 20 maio. 2022.

GUTIERREZ, Gustavo Luís; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. Teoria da ação comunicativa (Habermas): estrutura, fundamentos e implicações do modelo. *Veritas (Porto Alegre)*, [S. l.], v. 58, n. 1, p. 151-173, 2013. DOI: 10.15448/1984-6746.2013.1.8691. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/8691>. Acesso em: 15 fev. 2023.

HABERMAS, Jurgen. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002.

HABERMAS, Jurgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jurgen. “Notas sobre o conceito de ação comunicativa”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 40, p. 1-25, abril de 2015. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/HabermasRes.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2022.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 28. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PILETTI, Claudino. *Didática geral*. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004.

PINHEIRO, Antonio Carlos. *O ensino de geografia no Brasil: catálogo de dissertações e teses (1967-2003)*. João Pessoa: GEPEG, 2020a.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Revisitando e refletindo sobre as pesquisas acadêmicas na área de educação geográfica no Brasil. *Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.]*, v. 10, n. 19, p. 198–214, 2020b. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/916>. Acesso em: 20 maio. 2022.

PRADO, Eugênia D. Vieira. Didática da geografia. *Boletim Geográfico*, ano XIV, n. 133, p. 392-394. jul./ago., 1956. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1956_v14_n133_jul_ago.pdf. Acesso em: 14 jun. 2022.

SANTOS, Maurício Silva. Noções de didática especial de Geografia: súmula das aulas do prof. Maurício Silva Santos. In: IBGE. *Curso de informações geográficas*. IBGE: Rio de Janeiro, 1962. p. 13-42. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv13954.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SANTOS, Theobaldo Miranda. Didática da geografia. In: SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de didática especial: introdução ao estudo dos métodos e técnicas de ensino das matérias básicas dos cursos primário e secundário*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. Curso de Psicologia e Pedagogia, volume 7. p. 11-50. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168703>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2008.

WEISS, Artur Bernardes. Didática da Geografia. *Boletim geográfico*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 161, p. 239-257, mar./abr. 1961. Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1961_v19_n161_mar_abr.pdf. Acesso em: 30 abr. 2022.

ZASLAVSKY, Alexandre. Ação pedagógica, ação comunicativa e didática. *Conjectura: filos. e Educ.*, Caxias do Sul, v. 22, n. 1, p. 69-81, jan. 2017.

DOI: <https://doi.org/10.18226/21784612.v22.n1.05>. Disponível em
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-46122017000100069&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 fev. 2023.

Rosalvo Nobre Carneiro

Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco, Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente é professor efetivo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Ensino e no Departamento de Geografia no Campus de Pau dos Ferros, RN.

Endereço profissional: BR 405, Km 153, Cep: 59900-000, Pau dos Ferros
E-mail: rosalvonobre@uern.br

Raimundo Lenilde de Araújo

Doutor em Educação Brasileira – UFC Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – UFC. Atualmente é professor efetivo Associado II da Universidade Federal do Piauí, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Geografia no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas/UFPI. Embaixador do Projeto Nós Propomos! no Brasil.

Endereço profissional: Avenida Ininga, SN, CEP: 64049/550, Teresina/Piauí
E-mail: raimundolenilde@ufpi.edu.br

Recebido para publicação em 28 de setembro de 2022.

Aprovado para publicação em 13 de junho de 2023.

Publicado em 27 de junho de 2023.